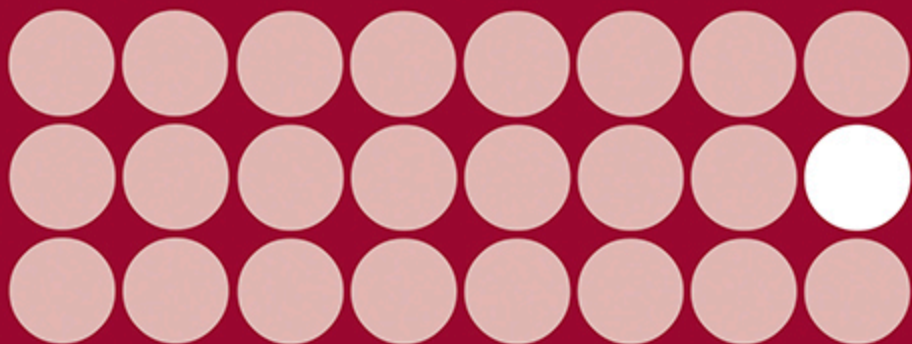


Eclesiastes e Cantares

Introdução
e comentário

Michael A. Eaton
G. Lloyd Carr



·SÉRIE CULTURA BÍBLICA·  VIDA NOVA

SUMÁRIO

PREFÁCIO GERAL	7
PREFÁCIO DA EDIÇÃO EM PORTUGUÊS	9
PREFÁCIO DO AUTOR	13
ABREVIATURAS PRINCIPAIS	15
INTRODUÇÃO	
O Texto de Eclesiastes	19
Data, Autoria e Proveniência Literária de Eclesiastes	21
Canonicidade de Eclesiastes	29
Eclesiastes em Seu Ambiente no Antigo Oriente Próximo	33
O Enigma de Eclesiastes	41
Composição de Eclesiastes	45
O Propósito de Eclesiastes	49
Estrutura e Análise de Eclesiastes	54
ANÁLISE	58
COMENTÁRIO	61
NOTAS ADICIONAIS	
Tradução de Eclesiastes 3:18	93
Tradução de Eclesiastes 3:21	95
PÓS-ESCRITO	165

PREFÁCIO GERAL

O objetivo desta série de *Comentários "Tyndale" do Velho Testamento*, como foi com os volumes correspondentes do Novo Testamento, é fornecer ao estudioso da Bíblia um comentário de fácil manejo e atual de cada livro, com ênfase maior à exegese. As questões críticas mais importantes serão discutidas nas introduções e nas notas adicionais, mas, quanto possível, evitar-se-á tecnicidade excessiva no comentário propriamente dito.

Embora unidos todos em sua fé na inspiração divina, na fidedignidade substancial e na aplicabilidade prática dos escritos sagrados, individualmente os autores têm liberdade para expressar o seu ponto de vista pessoal sobre todas as questões controvertidas. Dentro dos limites do espaço disponível, muitas vezes eles chamam a atenção para interpretações que eles mesmos não mantêm, mas que representam conclusões de cristãos igualmente sinceros e leais.

Em particular quanto ao Velho Testamento, nenhuma versão, isoladamente, é adequada para refletir o texto original. Portanto, os autores destes comentários citam livremente várias versões, ou dão a sua própria tradução, no empenho de tornar significativas hoje as passagens ou palavras mais difíceis. Quando necessário, transliteram-se palavras do Texto Massorético Hebraico (e Aramaico), subjacentes aos seus estudos. Isto ajudará o leitor que não sabe as línguas semíticas a identificar a palavra em discussão e, assim, a acompanhar o argumento. Sempre se supõe que o leitor tem livre acesso a uma ou mais traduções da Bíblia no vernáculo, das reconhecidas como merecedoras de confiança.

O livro de *Eclesiastes* encerra muito ensino que permanece atual, impermeável ao passar do tempo, sendo, pois, relevante ainda hoje. Entretanto, trata-se de um livro pouco lido e, em geral é mencionado ou estudado apenas parcialmente. Erguem-se vozes divergentes com respeito à sua interpretação e aplicação; contudo, Michael A. Eaton procura apresentar um panorama equilibrado e erudito do livro todo, não ignorando as aplicações práticas à vida moderna.

Quanto a *Cantares*, o Dr. Carr traz larga compreensão, e uma simpática maneira de ver este livro salomônico, a este novo estudo de uma parte tão pequena, mas singular, do Velho Testamento. Ele está bem familiarizado com as várias interpretações e aplicações da história e da mensagem de *Cantares*, que abundam aqui; entretanto, o Dr. Carr

nos fornece pontos de vista tão detalhados, e às vezes tão originais, que a elucidação do texto e, assim, deste estudo e ensino de Cantares, torna-o relevante, cheio de frescor, para qualquer leitor de hoje.

Há indícios de renovado interesse pelo sentido e mensagem do Velho Testamento, e se espera, pois, que esta série fomenta o estudo sistemático da revelação de Deus, da Sua vontade e dos Seus caminhos, nos termos em que se apresentam nos registros sagrados. Os editores e os autores oram que estes livros ajudem muitos a compreenderem a Palavra de Deus hoje, e a responder-lhe positivamente.

D.J. Wiseman

PREFÁCIO DA EDIÇÃO EM PORTUGUÊS

Todo estudioso da Bíblia sente a falta de bons e profundos comentários em português. A quase totalidade das obras que existem entre nós peca pela superficialidade, tentando tratar o texto bíblico em poucas linhas. A Série *Cultura Bíblica* vem remediar esta lamentável situação sem que peque do outro lado por usar de linguagem técnica e de demasiada atenção a detalhes.

Os Comentários que fazem parte desta coleção *Cultura Bíblica* são ao mesmo tempo compreensíveis e singelos. De leitura agradável, seu conteúdo é de fácil assimilação. As referências a outros comentaristas e as notas de rodapé são reduzidas ao mínimo. Mas nem por isso são superficiais. Reúnem o melhor da perícia evangélica (ortodoxa) atual. O texto é denso de observações esclarecedoras.

Trata-se de obra cuja característica principal é a de ser mais exegética que homilética. Mesmo assim, as observações não são de teor acadêmico. E muito menos são debates infundáveis sobre minúcias do texto. São de grande utilidade na compreensão exata do texto e proporcionam assim o preparo do caminho para a pregação. Cada Comentário consta de duas partes: uma introdução que situa o livro bíblico no espaço e no tempo e um estudo profundo do texto a partir dos grandes temas do próprio livro. A primeira trata as questões críticas quanto ao livro e ao texto. Examina as questões de destinatários, data e lugar de composição, autoria, bem como ocasião e propósito. A segunda analisa o texto do livro seção por seção. Atenção especial é dada às palavras-chaves e a partir delas procura compreender e interpretar o próprio texto. Há bastante “carne” para mastigar nestes comentários.

Esta série sobre o V.T. deverá constar de 24 livros de perto de 200 páginas cada. Os editores, Edições Vida Nova e Mundo Cristão, têm programado a publicação de, pelo menos, dois livros por ano. Com preços moderados para cada exemplar, o leitor, ao completar a coleção, terá um excelente e profundo comentário sobre todo o V.T. Pretendemos, assim, ajudar os leitores de língua portuguesa a compreender o que o texto veterotestamentário, de fato, diz e o que significa. Se conseguirmos alcançar este propósito seremos gratos a Deus e ficaremos contentes porque este trabalho não terá sido em vão.

Richard J. Sturz

ECLESIASTES

INTRODUÇÃO E COMENTÁRIO

por

Michael A. Eaton, B.D.

**Ministro da Rouxville Baptist Church, Johannesburg, e
Professor de Velho Testamento no The Baptist Theological
College of Southern Africa, Johannesburg**

PREFÁCIO DO AUTOR

Se é necessário uma pessoa que tenha sofrido bastante, a fim de escrever um comentário de Jó; se tão-somente um rebelde recuperado é capaz de comentar o livro de Jonas, talvez a única pessoa capaz de comentar o Eclesiastes seja um cínico que tenha abandonado o mundo, desiludido e cheio de desgosto. Se isto for verdade, eu me qualifico.

Trata-se de uma experiência pela qual muitos passaram, e da qual alguns nunca emergem. Assim sendo, não é de surpreender-se que se encontre um círculo bem diversificado de admiradores de Eclesiastes, todos com um senso de coleguismo em relação ao autor, a quem consideram “um cínico gentil”. A partir de perspectivas muitíssimo diferentes, homens têm encarado a vida como, segundo as palavras de W. E. Henley:

...fumaça espiralada
que se desprende do pavio instável,
em volteios, em lufadas, em devaneios
circunvolutos,
Irrealidade fina e vã
mergulhando no vácuo.
O mesmo fim para o casebre e o palácio,
Para a prisão e o tribunal!
A mesma chama consome igualmente
Sabedorias e loucuras.
Para isso mesmo é que viemos:
Ó vaidade das vaidades!

*(Of the Nothingness of Things —
“Das coisas reduzidas a nada”)*

Dou meu testemunho de que a advertência do Pregador, embora áspera e realista, é o único remédio para essa moléstia em questão. “Um punhado de descanso” (Ec 4:6) vindo dAquele que controla “o tempo e as estações”, o Deus de Qohelah e meu Deus, é a única cura possível. Atiro este pedaço especial de pão sobre as águas, com uma oração para que os outros possam realizar a mesma descoberta.

Esta pequena oferta deve muito ao aconselhamento e ajuda do Rev. J. A. Motyer, na época em que ele ensinava no Seminário Teológico de Clifton, e eu costumava sair de Tyndale Hall para conversar a respeito de Eclesiastes. Mais recentemente, apreciei muito a ajuda do Professor D. J. Wiseman, da Escola de Estudos Africanos e Orientais. Não haveria necessidade de dizer que a interpretação global de Eclesiastes é de minha autoria. Alegro-me verificar que um artigo recente de R. N. Whybray ("Qoheleth, Pregador de Alegria", *Journal for the Study of the Old Testament*, 23, 1982, págs. 87-98) está disposto a conceder mais peso ao lado alegre de Eclesiastes do que em geral se tem feito. Tal artigo foi publicado demasiado tarde para que eu pudesse fazer referência a ele no texto.

Meus agradecimentos à senhora Caroline Mullenix, que datilografou os manuscritos, e à minha esposa que, mediante oração, deu existência ao manuscrito, quando eu não tinha, absolutamente, tempo para escrever. Tive o privilégio de partilhar este material com a congregação da Igreja Batista de Nairobi, nos domingos pela manhã, quando fui seu pastor. As bênçãos daquela série especial de sermões ainda permanecem comigo.

Oro no sentido de que Deus possa usar este comentário para estimular novos estudos de Eclesiastes, a fim de que outros possam ser conduzidos, como eu o fui, do desespero para uma cosmovisão na qual Deus é Deus, no Qual as pessoas encontram descanso. Que se aprenda um vislumbre d'Aquele que preenche o vazio em Eclesiastes, o Senhor Jesus Cristo.

Michael Eaton

ABREVIATURAS PRINCIPAIS

Comentários e Obras sobre Eclesiastes

Aalders	<i>Het Boek de Prediker</i> por G. Ch. Aalders (<i>Commentar op Het Oude Testament</i>), 1948.
Barton	<i>Ecclesiastes</i> por G. A. Barton (<i>International Critical Commentary</i>), 1908.
CPIQ	M. Dahood, "Canaanite-Phoenician Influence in Qoheleth", <i>Biblica</i> , 33, 1952, págs. 30-52, 191-221.
Delitzsch	<i>The Song of Songs and Ecclesiastes</i> por F. Delitzsch, 1891.
Ellermeier	<i>Qohelet I/1, Untersuchungen zum Buche Qohelet</i> por F. Ellermeier, 1967.
Galling	<i>Die Fünf Megilloth</i> por K. Galling, 1940, ² 1969.
Ginsberg	<i>Supplementary Studies in Koheleth</i> por H. L. Ginsberg, 1952.
Ginsburg	<i>Cokeleth</i> por C. D. Ginsburg, 1861.
Gordis	<i>Koheleth — the Man and His World</i> por R. Gordis, 1955.
Graetz	<i>Kohelet oder der Salomonische Prediger</i> por H. Graetz, 1871.
Hengstenberg	<i>Commentary on Ecclesiastes</i> por E. W. Hengstenberg, 1859.
Hertzberg	<i>Der Prediger, Das Buch Esther</i> por H. W. Hertzberg e H. Bardtke (<i>Kommentar zum Alten Testament</i>), 1963.
Jastrow	<i>A Gentle Cynic</i> por M. Jastrow, 1919.
Jones	<i>Proverbs, Ecclesiastes</i> por E. Jones (<i>Torch Bible Commentaries</i>), 1961.
Kidner	<i>A Time to Mourn, and a Time to Dance</i> por D. Kidner (<i>The Bible speaks today</i>), 1976.
Lauha	<i>Kohelet</i> por A. Lauha (<i>Biblischer Kommentar Altes Testament</i>), 1978.
Leupold	<i>Exposition of Ecclesiastes</i> por H. C. Leupold, 1951.
Luther	"Notes on Ecclesiastes", <i>Luther's Works</i> , vol. 15, 1972.
Lys	<i>L'Ecclésiaste ou que vaut la vie?</i> por D. Lys, vol. 1, 1977.

McNeile	<i>An Introduction to Ecclesiastes</i> por A. H. McNeile, 1904.
PBQ	M. Dahood, "The Phoenician Background of Qoheleth", <i>Biblica</i> , 47, 1966, págs. 264-282.
Plumptre	<i>Ecclesiastes or The Preacher</i> por E. H. Plumptre, 1881.
Podechard	<i>L'Ecclesiaste</i> por E. Podechard, 1912.
Power	<i>Ecclesiastes or The Preacher</i> por A. D. Power, 1952.
QRD	M. Dahood, "Qoheleth and Recent Discoveries", <i>Biblica</i> , 39, 1958, págs. 302-318.
Ranston	<i>Ecclesiastes and the Early Greek Wisdom Literature</i> por H. Ranston, 1925.
Rylaarsdam	<i>Proverbs, Ecclesiastes, Song of Solomon</i> por J. C. Rylaarsdam, 1965.
Scott	<i>Proverbs, Ecclesiastes</i> por R. B. Y. Scott (<i>Anchor Bible</i>), 1965.
Thilo	<i>Der Prediger</i> por M. Thilo, 1923.
Wardlaw	<i>Lectures on the Book of Ecclesiastes</i> por R. Wardlaw, 2 vols., 1838.
Wildeboer	<i>Der Prediger</i> por G. Wildeboer, 1898.
Williams	<i>Ecclesiastes</i> por A. L. Williams (<i>The Cambridge Bible</i>), 1922.
Wright	<i>The Book of Koheleth</i> por C. H. H. Wright, 1883.
Zimmerli	<i>Das Buch Des Predigers Salomo</i> por W. Zimmerli, 1962.

Traduções e Versões Bíblicas

ARA	Almeida, edição Revista e Atualizada.
AV	Versão Autorizada (King James) em inglês.
ARC	Almeida, edição Revista e Corrigida.
ASV	American Standard Version, 1901.
Berkeley	Revised Berkeley Version, 1974.
GNB	Good News Bible, 1976.
heb.	Texto hebraico.
JB	Jerusalem Bible, 1966.
LXX	Septuaginta, versão grega do Antigo Testamento.
mg.	margem.
Moffatt	<i>A New Translation of the Bible</i> por J. Moffatt, 1935.
NAB	The New American Bible, 1970.
NASV	New American Standard Version, 1971.
NEB	The New English Bible, 1970.
NIV	New International Version, 1978.
Peshitta	<i>The Old Testament in Syriac</i> (E. J. Brill, Leiden), parte II, fasc. 5, 1979.
RSV	Revised Standard Version, 1952.

RV	Revised Version, 1885.
Targum	A. Sperber, <i>The Bible in Aramaic</i> , vol. IV A, 1968.
TM	Texto Massorético (original hebraico).

Outras Obras de Referência

ANET	<i>Ancient Near Eastern Texts</i> editado por J. B. Pritchard, ³ 1969.
BDB	<i>Hebrew-English Lexicon of the Old Testament</i> por F. Brown, S. R. Driver e C. A. Briggs, 1907.
DS	<i>Hebrew Syntax</i> por A. B. Davidson, ³ 1901.
DTTML	<i>Dictionary of the Targumin, Talmud Babli, Yerushalmi and Midrashic Literature</i> por M. Jastrow, edição de 1971.
GK	<i>Hebrew Grammar</i> por W. Gesenius, E. Kautzsch e A. E. Cowley, ² 1910.
IB	<i>The Interpreter's Bible</i> editado por G.A. Buttrick <i>et al.</i> , 12 vols., 1952-57.
IBD	<i>The Illustrated Bible Dictionary</i> editado por Hillyer <i>et al.</i> , 3 vols., 1980.
IDB	<i>The Interpreter's Dictionary of the Bible</i> editado por G. A. Buttrick <i>et al.</i> , 4 vols., 1962.
Joüon	<i>Grammaire de l'Hébreu Biblique</i> por P. Joüon, 1923.
Lambert	<i>Babylonian Wisdom Literature</i> por W. G. Lambert, 1960.
Leiman	<i>The Canonisation of the Hebrew Scriptures</i> por S. Z. Leiman, 1976.
LS	<i>A Greek-English Lexicon</i> por H. Liddell e R. Scott, ⁹ 1940.
NBCR	<i>The New Bible Commentary Revised</i> editado por Guthrie <i>et al.</i> , 1970.
SIAIW	<i>Studies in Ancient Israelite Wisdom</i> editado por Crenshaw, 1976.
TDNT	<i>Theological Dictionary of the New Testament</i> editado por G. Kittel e G. Friedrich; E. T. editado por G. W. Bromiley, 10 vols., 1964-76.
UBD	<i>Unger's Bible Dictionary</i> por M. F. Unger, 1957.
WIANE	<i>Wisdom in Israel and in the Ancient Near East</i> editado por M. Noth e D. W. Thomas, 1955.

As referências a Ibn Ezra Kimchi (comentaristas judaicos) e Aquila (tradutor para o grego) dependem de fontes secundárias.

Journals

ASTI	<i>Annual of the Swedish Theological Institute.</i>
BASOR	<i>Bullettin of the American Schools of Oriental Research.</i>
Bib.	<i>Biblica.</i>
CBQ	<i>Catholic Bible Quarterly.</i>
EQ	<i>Evangelical Quarterly.</i>
HUCA	<i>Hebrew Union College Annual.</i>
IEJ	<i>Israel Exploration Journal.</i>
JAOS	<i>Journal of the American Oriental Society.</i>
JBL	<i>Journal of Biblical Literature.</i>
JEA	<i>Journal of Egyptian Archaeology.</i>
JNES	<i>Journal of Near Eastern Studies.</i>
JNSL	<i>Journal of Northwest Semitic Languages.</i>
JQR	<i>Jewish Quarterly Review.</i>
JSS	<i>Journal of Semitic Studies.</i>
JTS	<i>Journal of Theological Studies.</i>
OTS	<i>Oudtestamentische Studiën.</i>
PEQ	<i>Palestine Exploration Quarterly.</i>
SJT	<i>Scottish Journal of Theology.</i>
TB	<i>Tyndale Bulletin.</i>
VT	<i>Vetus Testamentum.</i>
VTs	<i>Supplement to Vetus Testamentum.</i>
WTJ	<i>Westminster Theological Journal.</i>
ZATW	<i>Zeitschrift für die alttestamentliche Wissenschaft.</i>

INTRODUÇÃO

I. O TEXTO DE ECLESIASTES

A fonte primária do texto de Eclesiastes, bem como de qualquer outro livro do Velho Testamento, é uma forma de texto estabelecida no primeiro século A.D. (ou ao seu redor), vocalizada e anotada pelos massoretas ("transmissores"), cerca de 500-1000 A.D., que viria a ser conhecida como texto massorético. Tal texto fora escrito, originalmente, em forma consonantal; todavia, a partir do século sexto em diante surgiram vários sistemas de vocalização. Nos séculos nono e décimo um deles, o sistema tiberiano, tornou-se padrão, sendo usado ainda hoje pelos eruditos do Velho Testamento. O texto impresso na *Biblia Hebraica Stuttgartensia* (1970) é o de um manuscrito de 1008 A.D., sendo cópia de um texto produzido pelo erudito especialista em texto tiberiano, Ben Asher, no século décimo A.D. Qualquer estudioso do Velho Testamento precisa começar com o texto massorético; entretanto, devido aos inevitáveis erros dos copistas, deve ele levar em consideração outros textos hebraicos conhecidos, e antigas traduções baseadas em textos anteriores.¹

No caso de Eclesiastes, afortunadamente temos quatro pedaços de manuscritos descobertos em Qumrã, publicados em 1954², contendo fragmentos dos capítulos 5-7. Com base no estilo do texto, tais fragmentos foram datados como sendo de meados do segundo século a.C. A maior parte das variações é puramente de ordem ortográfica. Entretanto, Muilenburg relaciona dez outros lugares em que o texto de Qumrã difere do massorético. O texto de Qumrã (4QEc) traz "porque", ao invés de "como", em 5:14, omite o "e" em 5:15 e 7:6, inverte a ordem de

¹ Para maiores detalhes, cf. B. J. Roberts, *The Old Testament and Versions* (1951); E. Würthwein, *The Text of the Old Testament* (1957); R. K. Harrison, *Introduction to the Old Testament*, (1970), págs. 211-243.

² Cf. J. Muilenburg, "A Qoheleth Scroll From Qumran", *BASOR*, 135, 1954, págs. 20-28.

duas palavras em 6:3, “casa de prazer”, ao invés de “casa de bebidas” em 7:2, “corrompe” ao invés de “destrói”, em 7:7, “ajuda” ao invés de “fortalece”, em 7:19, e outras pequenas variantes que virtualmente não mudam o sentido em 6:4, 6; 7:4.³ Tais variações representam pouco; o manuscrito tende, em geral, a confirmar a confiabilidade da tradição massorética.

Outra fonte de evidências textuais está nas antigas traduções do Velho Testamento. Destas, a mais importante é a Septuaginta grega (LXX), que provavelmente teria sido traduzida em estágios, iniciando-se com o Pentateuco, no século terceiro, tendo sido a maior parte completada no final do século segundo a.C. Não se tem certeza quanto à data em que o Eclesiastes foi traduzido. Segundo O. Eissfeldt, Ben Sira tinha toda a lei, os profetas e demais textos à sua frente, em grego, cerca de 130 a.C.⁴ Por sua vez, D. Barthélemy alega que o Eclesiastes da LXX é, na verdade, obra de Áqüila, que teria produzido uma tradução grega paralela, no segundo século A.D.⁵ A tradução segundo a LXX é bastante literal e apóia, em geral, a tradição massorética.

A versão siríaca, conhecida como Peshitta, surgiu no início ou em meados do segundo século A.D.⁶

A Vulgata, revisão de uma versão latina anterior, da autoria de Jerônimo, é outro testemunho do quarto século. Embora a Vulgata seja uma tradução do texto hebraico, segundo a tradição massorética, a construção textual de Jerônimo sofreu influência da LXX.⁷

O texto etíope de Eclesiastes, datado por S. A. B. Mercer algum tempo antes de 650 A.D., revela familiaridade com a tradição massor-

³ Estas variantes são as seguintes:

	4QEc	TM
5:14	ky'	k'sr
5:15	gm	wgm
6:3	hnpl mmnw	mmnw hnpl
6:4	hlk	ylk
6:6	w'm lw'	w'lw
7:2	šjmhh	mšth
7:4	byt	bbyt
7:6	gm	wgm
7:7	wy'wh	wy'bd
7:19	t'zr	t'z

⁴ O. Eissfeldt, *The Old Testament — An Introduction* (1965), pág. 703.

⁵ D. Barthélemy, *Les Davanciers d'Aquila* (VTS, 10, 1963), págs. 32., 158s.

⁶ *The Old Testament in Syriac*, part II, fasc. 5 (Leiden, 1979).

⁷ Cf. *Biblia Sacra iuxta Latinam Vulgatam Versionem*, XI, *Proverbia, Ecclesiastes, Canticum Canticorum* (1957).

rética, com a Vulgata, e talvez com a antiga versão latina e com a siríaca. Mercer indica dezoito exemplos em que o texto etíope segue o massorético, em contraposição à LXX, e quatorze exemplos em que demonstra conhecimento de um texto hebraico pré-massorético.⁸

O Targum aramaico de Eclesiastes tem pouco significado para o estudo textual. Trata-se de paráfrase livre, não surgida antes do século quinto A.D., sendo de interesse primordial como estágio na história da interpretação.⁹

O estudo destas versões nos conduz à conclusão de que o texto de Eclesiastes foi bem preservado, apresentando menos dificuldades que muitos livros do Velho Testamento. Os textos de Qumrã e as várias versões apóiam, em geral, a tradição massorética.

II. DATA, AUTORIA E PROVENIÊNCIA LITERÁRIA DE ECLESIASTES

A vida neste mundo fundamentalmente não muda, de modo que não precisamos de uma data para o Eclesiastes, a fim de podermos receber sua mensagem. Faz parte do gênio do pensamento do Pregador que sua mensagem sustenta-se por si mesma, em qualquer lugar e a qualquer tempo. Na verdade, o livro provê pouquíssimos indícios a respeito de sua data: a linguagem, uma possível dependência de pensamento estrangeiro, e reivindicações internas.

A linguagem

Em meados do século vinte surgiu um tríplice debate concernente ao pano de fundo lingüístico de Eclesiastes. Primeiro, surgiu a sugestão tentativa de D. S. Margoliouth, segundo a qual a linguagem "não é tanto hebraico posterior mas hebraico estrangeiro"¹⁰ que F. C. Burkitt ampliou em 1921;¹¹ depois, F. Zimmermann propôs, formalmente, em 1945, que Eclesiastes é tradução de um original aramaico.¹² Esta teoria foi apoiada por C. C. Torrey, 1948,¹³ e por H. L. Ginsberg, em 1950.¹⁴ Tais sugestões induziram R. Gordis a uma série de répli-

⁸ Cf. S. A. B. Mercer, *The Ethiopic Text of the Book of Ecclesiastes; The Oriental Research Series*, 6 (1931).

⁹ Cf. A. Sperber, *The Bible in Aramaic*, vol. IVA, *The Hagiographa* (1968).

¹⁰ *The Jewish Encyclopaedia* (3 1923), 5, pág. 33.

¹¹ F. C. Burkitt, "Is Ecclesiastes a Translation?", *JTS*, 23, 1921, págs. 23-26.

¹² F. Zimmermann, "The Aramaic Provenance of Qohelet", *JQR*, 36, 1945-6, págs. 17-45; em seguida: "The Question of Hebrew in Qohelet", *JQR*, 40, 1949, págs. 79-102.

¹³ C. C. Torrey, "The Question of the Original Language of Qohelet", *JQR*, 39, 1948, págs. 151-160.

¹⁴ H. L. Ginsberg, *Studies in Qohelet* (1950).

cas, em que o autor afirma que o hebraico de *Eclesiastes* é autêntico, porém de época tardia.¹⁵ A discussão prosseguiu, em 1952, quando M. Dahood sugeriu que o livro fora escrito em caracteres fenícios, e mostra sinais de influência literária cananita-fenícia.¹⁶ Outra vez R. Gordis replicou refutando a teoria de Dahood.¹⁷

Os aramaísmos de *Eclesiastes* não são, necessariamente, prova de datação posterior. É verdade que há aramaísmos no livro¹⁸; a proporção deles é algo elevada, mas, visto que a quantidade de material é pequena, deve-se tomar cuidado para não atribuir-lhes significado maior que a realidade. Pode-se esperar que ocorram no hebraico bíblico a partir do século X a.C., aumentando à medida que os séculos passam culminando no século VI, até o século IV a.C. Têm valor comparativamente pequeno para a datação.¹⁹

Menos provável ainda é que haja um original em língua aramaica subjacente ao texto de *Eclesiastes*. O escopo do presente livro não prevê a revisão dos muitos e intrincados argumentos envolvidos neste assunto. Contudo, deve-se declarar que as sugestões de Zimmermann,

¹⁵ R. Gordis, "The Original Language of Qoheleth" *JQR*, 37, 1946, págs. 67-84; "The Translation Theory of Qoheleth Re-Examined" *JQR*, 40, 1949, págs. 103-116; "Qoheleth — Hebrew or Aramaic?" *JBL*, 71, 1952, págs. 93-109.

¹⁶ M. Dahood, "Canaanite-Phoenician Influence in Qoheleth", *Bib*, 33, 1952, págs. 30-52, 191-221; "Qoheleth and Recent Discoveries", *Bib*, 39, 1958, págs. 302-318. Sugestões semelhantes haviam sido feitas anteriormente por C. H. Gordon, *Ugaritic Literature* (1947), pág. 123.

¹⁷ R. Gordis, "Was Koheleth a Phoenician?" *JBL*, 74, 1955, págs. 103-114; "Qoheleth and Qumran — A Study in Style", *Bib*, 41 1960, págs. 395-410.

¹⁸ O número de aramaísmos é assunto controverso. Uma lista provável é a seguinte: *kēbār* (1:10, etc.), *mēdīnā* (2:8; 5:7), *šabbēa* (4:2 cf. 8:15), *'inyan* (1:13, etc), *tāqan* (1:15; cf. 7:13; 12:9), *tāqaṣ* (4:12; 6:10), *'al-dibrat* (3:18; 7:14; 8:12), *pēšer* (8:1), *šilton* (8:4), *qē'āb* (9:18), *gūmmās* (10:8), *yissāken* (10:9), *ben-ḥōrīm* (10:17), *maddā* (10:20), *bāṭlū* (12:3), e a vocalização de *'abadēhem* (9:1) e *hēbēl* (1:2, etc.). Cf. O. Loretz *Qoheleth und der Alte Orient* (1964), págs. 24-25; cf. também M. Wagner, *Die Lexicalischen und Grammatikalischen Aramäismen im Alttestamentlichen Hebräisch* (1966), que afirma que 3,1 por cento de *Eclesiastes* é de origem aramaica (pág. 145). Opinião semelhante é esposada por C. F. Whitley *Koheleth* (1979), págs. 147s., que data o livro entre 152 e 145 a.C. Listas mais antigas precisam de revisão (por ex., as de F. Delitzsch e C. H. Wright) à luz de conhecimentos mais profundos das línguas semíticas.

¹⁹ A. Hurvitz, "The Chronological Significance of "Aramaisms" in Biblical Hebrew", *IEJ*, 18, 1968, págs. 234-240, trata das dificuldades do assunto, e das circunstâncias sob as quais os aramaísmos podem ter significado maior. Julgado segundo seu critério, o uso que o Pregador faz de *sālaṭ* (talvez substituindo o *māšal* anterior) pode ser evidência de datação posterior (contudo, veja-se pág. 24, nota de rodapé 26). Entretanto, uma única palavra não pode ter todo esse peso.

Torrey e Ginsberg apóiam-se apenas num grande número de alterações tortuosas, e traduções inadequadas, as quais exibem considerável engenhosidade de pensamento mas pouquíssima convicção. Uma pequena indicação de que a teoria toda é suspeita está na combinação dos verbos *mkk* e *dlp*, em 10:18. Os dois verbos combinados formam um velho clichê cananita.²⁰ Parece totalmente improvável que sejam o resultado da tradução do aramaico.

É mais difícil tratar da questão da influência cananita fenícia. Dahood argumenta que em determinado estágio, o texto de Eclesiastes tinha consideravelmente menos *matres lectiones* (consoantes usadas como vogais para auxiliar a leitura) do que no texto massorético. Substantivos que no feminino terminam em *-t*, a partícula condicional *'lw*, a partícula *s-*, o uso errático do artigo, o infinitivo absoluto seguido de pronome independente, o uso independente do pronome a fim de expressar o verbo “estar”, o uso de *'ādām*, as frases “debaixo do sol” (1:14), e “com sete... oito” (Ec 11:2), tudo isto tem seu paralelo cananita e fenício; contudo, no Velho Testamento são formas distintivas de Eclesiastes. Entretanto, duvida-se muito que até mesmo o peso cumulativo de todos os paralelos encontrados indique a existência de um original na “ortografia fenícia”. A obra da “escola Dahood” sugere que há uma quantidade considerável de paralelos ugaríticos e fenícios encontráveis em algumas seções do Velho Testamento. Os livros de Jó, Salmos, Provérbios, Isaías, Ezequiel e Naum estão entre aqueles que têm sido explorados neste sentido.

A dificuldade reside no fato de os dados lingüísticos mostrarem que Eclesiastes não se enquadra em nenhuma seção conhecida da história da língua hebraica. É diferente de obras atribuídas a Salomão (Cantares de Salomão; Partes de Provérbios); não corresponde ao hebraico do quarto século, de Malaquias ou Esdras; não se ajusta ao hebraico dos rolos de Qumrã. Duas palavras, *pardēs* e *pitgam* são frequentemente consideradas empréstimos do idioma persa. Pode ser verdade. Neste caso, Eclesiastes como o temos hoje teria sido escrito ou editado²¹ no (ou depois do) período persa.²²

²⁰ Cf. C. H. Gordon, *Ugaritic Textbook* (1963), pág. 180, texto 68:17.

²¹ Há evidências de que antigos documentos poderiam ser ligeiramente modernizados pela substituição de palavras antiquadas, ou arcaicas. Cf. K. A. Kitchen, *Ancient Orient and Old Testament* (1966), págs. 141-143.

²² Cf. observação semelhante feita por M. H. Pope, concernente a *pardes*, em Cantares de Salomão. Embora este autor não considere esse livro como inteiramente primitivo, acha ele, entretanto, que a inclusão de *pardes* não merece peso especial (cf. *Song of Songs* (1977), pág. 31). G. Archer crê que as palavras derivam do sânscrito (*A Survey of Old Testament Introduction* (1964), pág. 470, publicado em português por Edições Vida Nova, *Merece Confiança o Antigo Testamento?*).

COMENTÁRIOS BÍBLICOS DA SÉRIE CULTURA BÍBLICA

Os comentários da Série Cultura Bíblica foram elaborados para ajudar o leitor a alcançar uma compreensão do real significado do texto bíblico.

A introdução de cada livro dá às questões de autoria e data um tratamento conciso, embora completo. Isso é de grande ajuda para o leitor, pois mostra não só o propósito de cada livro como as circunstâncias em que foi escrito. É também de inestimável valor para professores e estudantes que buscam informações sobre pontos-chaves, pois aí se vêem combinados o mais alto conhecimento e o mais profundo respeito com relação ao texto sagrado.

Veja a riqueza do tratamento que o texto bíblico recebe em cada comentário da Série Cultura Bíblica:

- Os comentários tomam cada livro e estabelecem as respectivas seções, além de destacar os temas principais.
- O texto é comentado versículo por versículo.
- São focalizados os problemas de interpretação.
- Em notas adicionais, as dificuldades específicas de cada texto são discutidas em profundidade.

O objetivo principal dos comentários é buscar o verdadeiro significado do texto da Bíblia, tornando sua mensagem plenamente compreensível.